

MUSICALIDADE
E CUIDADO NA
PERSPECTIVA
AFROCÊNTRICA:
PROMOÇÃO À
SAÚDE PÚBLICA
NO BRASIL

[DOSSIÊ]

Ceci Luz

Universidade de São Paulo

Dennis de Oliveira

Universidade de São Paulo

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

A música vai atravessando culturas, gerações, ouvidos atentos e desatentos. Este estudo buscará apresentar dados sobre os entraves da permanência intacta da musicalidade descendente da África como fonte prioritária do cuidado e da promoção à saúde, trazendo uma conexão com os ensinamentos do continente africano e os resultados atuais de sua eficácia no Sistema Único de Saúde (SUS). Pretende-se contribuir e elucidar os caminhos percorridos pelo apagamento histórico e epistemicídio da cultura africana em decorrência do racismo, sendo esse um caminho com inúmeros impedimentos que ocasionaram a ausência de estratégias para a promoção de políticas públicas, com foco na humanização em saúde e resgate ancestral, resultando na permanência do importante papel musical em serviços de saúde.

Palavras-chave: Música. Humanização. Racismo. Continente africano. Políticas públicas. Ubuntu.

Music crosses cultures, generations, and attentive and inattentive ears. This study will seek to offer data on the obstacles to the intact continuation of musicality descended from Africa as a priority source of health care and promotion, connecting the teachings of the African continent and the current results of its effectiveness in the Brazilian Unified Health System. It aims is to explain the paths due to the historical erasure and epistemicide of African culture as a result of racism, a path with numerous impediments that caused the absence of strategies to promote public policies, focusing on humanizing health and ancestral rescue and maintain the important role of music in health services.

Keywords: Music. Humanization. Racism. African continent. Public policies. Ubuntu.

La música atraviesa culturas, generaciones, oídos atentos y desatentos. Este estudio busca presentar datos sobre los obstáculos para la continuación intacta de la musicalidad descendente de África como fuente prioritaria de atención y promoción de la salud, trayendo una conexión con las enseñanzas del continente africano y los resultados actuales de su efectividad en el Sistema Único de Salud (SUS). El objetivo es contribuir y dilucidar los caminos seguidos por el borrado histórico y el epistemicidio de la cultura africana como consecuencia del racismo, un camino con numerosos impedimentos que provocaron la ausencia de estrategias para promover políticas públicas, centradas en la humanización en salud y rescate ancestral, lo cual da como resultado el mantenimiento del importante papel de la música en los servicios de salud.

Palabras clave: Música. Humanización. Racismo. Continente africano. Políticas públicas. Ubuntu.

Saúde humanizada?

Em 15 de junho de 2021, o portal G1 registrou o caso do médico de 24 anos que cantou para sua paciente horas antes de seu falecimento. A mulher com idade acima de 60 anos enfrentava uma internação em decorrência da covid-19 no estado do Piauí. Devido à piora em seu quadro e apresentando-se muito abalada por ter perdido um familiar a poucos dias, ela se mostrava psicologicamente fragilizada, chorosa e com sua situação física sem sinais de melhora. Presenciando a situação, o médico decidiu cantar algumas canções com o objetivo de proporcionar um momento de calma e tranquilidade. Segundo relatos dos profissionais de saúde, após se emocionar e cantar algumas poucas palavras das canções, a paciente adormeceu e veio a óbito horas depois (Nascimento, 2021).

Diante desse quadro, é possível reconhecer que a musicalidade como fonte de humanização na promoção da saúde se torna essencial ao cuidado, à valorização e ao enaltecimento da mente, do corpo, da psique e da alma. Posto isso, reconhecemos que a África, o berço da humanidade, trouxe muitos benefícios, uma vez que as evidências arqueológicas mais antigas já encontradas apontam que a espécie humana que conhecemos hoje se formou no continente africano, comprovando que a humanidade surgiu da mulher africana, assim como a construção de tudo o que conhecemos sobre cultura, saúde, arte e uso da musicalidade na sociedade brasileira. James (2022) afirma que o continente africano trouxe ensinamentos através da oralidade e que os povos pretos que estavam

localizados ao norte da África trouxeram filosofia ao mundo.

Este projeto de pesquisa busca analisar as relações entre promoção à saúde humanizada através da música, racismo estrutural e epistemicídio. Considerando que a maioria dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) são pretos e pardos, conforme dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brasil, 2013) constatamos que a ausência de políticas públicas em humanização musical em serviços de saúde dialoga com o racismo institucional:

É a partir dessa realidade que se deve pensar as estratégias de combate ao racismo, e isso passa pelo entendimento de que os mecanismos estruturais do racismo estão diretamente ligados ao modelo de acumulação de riquezas do capitalismo dependente, garantidos pelo formato do arranjo institucional da matriz colonial de poder. Assim, todas as barreiras institucionais decorrem não apenas dos comportamentos preconceituosos de brancos incomodados com a divisão de espaços exclusivos, mas da própria natureza das estruturas burocráticas públicas e privadas do capitalismo dependente. Assim, preconceitos raciais sofridos por pessoas negras eventualmente nesses espaços brancos (universidades, espaços de poder institucional etc.) não são apenas violências contra as pessoas vitimadas, mas a expressão de um sistema de poder que condena a esmagadora maioria de negras e negros à miserabilidade. E tudo isto é funcional e necessário para se manter o modelo de acumulação e reprodução de riquezas do capitalismo dependente centrado na superexploração (Oliveira, 2021, p. 200-201).

Como podemos constatar, o capitalismo está na base de todas as relações humanas e assim vai costurando infinitos labirintos que tiram da comunidade negra seus acessos e todo senso de pertencimento, fazendo com que sejam “normalizadas” as diferenças sociais em detrimento de heranças e riquezas. É preciso que uma raça (negra) sempre seja miserável para que uma outra raça (branca) se mantenha no poder.

Voltemos então nossa atenção para as políticas públicas na saúde e, dessa forma, criemos diálogos entre o SUS, a humanização musical e a heranças deixadas pela África, entendendo que o apagamento histórico e o epistemicídio em decorrência do capitalismo resultaram no esvaziamento das formas de cuidados ancestrais, emocionais, físicos, espirituais e socioculturais nos ambientes de saúde, sendo possível notar uma perda na musicalidade descendente do continente africano, uma vez que esta foi e é utilizada como forma de cuidado, resistência, comunicação, corporeidade e como elemento principal em rituais aos orixás, cerimônias, celebrações, momentos de cura, processo de finitude e até mesmo em situações de guerra em que servia como inspiração de encorajamento e união dos povos.

Saúde e racismo

Quando abordamos a relação entre SUS e comunidade negra, torna-se imprescindível falar sobre a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN). Instituída em 2017, visa combater e enfrentar as desigualdades no SUS e reduzir os índices de morbimortalidades da

comunidade negra brasileira. Olhando pela perspectiva da PNSIPN, é possível notar que fazemos parte de um sistema que produz desigualdades de raça, gênero e classe também nos cuidados com a saúde. O racismo torna as pessoas vulneráveis e invisibiliza suas existências (Nascimento, 1978), impedindo que o SUS alcance de forma eficaz e cuidadosa a população negra.

A rica herança do cuidado descendente do continente africano, composto por tecnologias ancestrais desenvolvidas com ervas, banhos e diversas maneiras de feitiços foram historicamente demonizadas, criminalizadas, inferiorizadas, atacadas e descaracterizadas. Diante das negligências, foi necessário o surgimento de políticas que detalham práticas de cuidados para promoção de um atendimento adequado, humanizado e equitativo a povos negros, promovendo a inclusão e a justiça social no âmbito da saúde pública (Oliveira, 2022).

Pensando em um atendimento humanizado que contemple as riquezas de cuidado que herdamos dos povos africanos, podemos perceber que a presença da musicalidade em um ambiente hospitalar humaniza os corpos negros, uma vez que sua permanência contribui para um olhar cuidadoso, humanizado, proporcionando bem-estar emocional e psicológico para os pacientes. A música, especialmente quando enraizada na epistemologia afrocêntrica, atua como uma forma poderosa de comunicação, cuidado, conforto, alívio e conexão cultural, valorizando e respeitando as tradições culturais afro-brasileiras em consequência de um ambiente de saúde repleto de *itójú*¹.

1 *itójú* – Palavra em yorubá que significa cuidado.

Barros (2012) diz que a essência da espiritualidade africana tradicional parte do princípio de cuidado (*itójú*), aquele que foi criado por meio da cosmo percepção africana, simbolizando *sankofa*² e a identidade negra, dando continuidade às formas de pensar os próximos passos nessa perspectiva epistemológica. Não é possível pensar em continuidade sem antes retornar para os princípios ancestrais que trazem na bagagem recursos, saberes e histórias daqueles que vieram antes de nós, sendo essencial pontuar que “A vida surgiu da mulher. A Humanidade surgiu da mulher africana.” (Fonseca, 2021, p. 6-11), que há tempos existem e abrem caminhos para que suas gerações seguintes não sejam invisibilizadas e tenham acessos, lugares de fala e força dentro da sociedade. Falamos da mulher negra, pois sem ela a vida não seria possível; foi graças às ricas tradições orais, corporais e ancestrais que geraram e educaram gerações inteiras por meio de um legado de sabedoria, para quem veio depois.

Precisamos admitir que há décadas acontece um verdadeiro epistemicídio em decorrência da invasão dos colonizadores no território brasileiro, atrelado ao tráfico transatlântico que continua invisibilizando e dominando corpos pretos, a cultura, suas linguagens, suas heranças e todas as formas de conhecimento criadas pelos negros. Ribeiro (2017) diz que “a colonização é uma tecnologia que busca retirar dos povos a sua história, sua identidade, seu modo de ser e estar, ou seja, sua organização social”. Existe uma grande diferença ao enxergarmos a população negra em espaços sociais,

principalmente em lugares de poder com acessos livres e de qualidade para a saúde. Todo resquício histórico continua sendo propagado pelo que conhecemos como **pacto da branquitude**, cunhado por Cida Bento (2022, p. 14-15):

Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro.

Com esse fato historicamente construído, é possível visualizar nitidamente o distanciamento e as desigualdades sociais. “Os dados revelam que o racismo estrutural ainda coloca a raça como o primeiro quesito para existir ou não” (Njeri; Ankh; Mene; 2019, p. 18-19), sendo assim a comunidade negra vai sendo deixada às margens sociais, sem a possibilidade de novas e diferentes perspectivas, enfrentando a realidade do distanciamento social no transporte, nos locais de moradia, no saneamento básico, na saúde, educação, alimentação e em toda base que deveria auxiliar o desenvolvimento do indivíduo e de todas as pessoas que fazem parte do seu convívio diário. Já dizia a pedagoga e mestre Benilda Brito (2019) “o racismo desumaniza o ser humano”, não permitindo que esses corpos tenham dignidade e oportunidade desde o nascimento, antes mesmo de aprender a ler é necessário ensinar a crianças negras que, quanto mais retinta sua cor de pele, mais fadado

2 *sankofa* – Retorno à ancestralidade. Pássaro africano que representa o resgate do passado.

à desumanização seu futuro estará. Por meio das violências raciais, seus sonhos serão interferidos e jogados às margens sociais por um grupo social que se coloca superior em relação à raça (Tenório, 2020).

Na perspectiva de raça, sabemos que as doenças que acometem a população negra também afetam a população de um modo geral, mas as diferenças sociais historicamente estabelecidas que deixam o negro sem possibilidades de acesso a saúde de qualidade fazem com que se mantenha um enorme abismo entre as raças (Piedade, 2019). O fato é que a população negra está exposta a altos números de mortalidade, segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2023), “enquanto o número de mortes maternas está em 46,56 para mulheres brancas, no caso das mulheres pretas, é mais que o dobro: 100,38 óbitos para cada 100 mil nascidos vivos”. Apesar dos avanços tecnológicos registrados na medicina, existe um enorme distanciamento ao seu desenvolvimento estruturado na humanização com recorte de gênero, raça e classe, levando em consideração principalmente os danos que o racismo estrutural causa na comunidade negra brasileira.

Por que África?

A música nunca pede licença para entrar em um espaço, com suas vibrações adentrando lugares, vidas e emoções. Por meio de sua existência, podemos nos reconectar com seres ancestrais, tendo a possibilidade de revisitar momentos passados e emoções que transbordam. Como água ela

passa, percorrendo memória, corpo, espírito e sensações, assim, com tanta delicadeza, podemos enxergá-la como fonte de cuidado ancestral afrodiaspórica (Salomão, 2016).

Uma vez que o surgimento musical se sucedeu no continente africano, é importante destacar que documentos que comprovam esse fato nunca foram registrados de fato pela comunidade negra, pois é perceptível a forma que suas trajetórias foram invisibilizadas, violentadas, atravessadas, invadidas, roubadas e danificadas pela invasão do branco em território africano. Quando falamos de toda herança perdida de África, fica nítido reconhecer a grande influência que a Igreja Católica teve nesse processo de epistemicídio, uma vez que ela mesma foi uma das maiores e principais financiadoras do tráfico transatlântico. Arrancar, apagar, violentar e subalternizar corpos e comunidades negras foi o maior “legado” deixado à sociedade contemporânea, destacado em tal dossiê o fato:

Não desafiando o “não ser do escravo”, expressões das oralidades negras no período colonial, registradas por pesquisadores de formação e perfis acadêmicos, sinalizam outros horizontes de afirmação de práticas africanas, em encontros com seus antepassados e em rituais de curas culturais, que pontificaram suas trajetórias e histórias enquanto feitiçarias, curandeirismo e demonologias. Mas foi Cascudo, em suas reticências, que chegou à “conclusão decepcionante”: “Não há Demônio preto senão como presença católica do Branco.” (Antonacci, 2009, p. 48-49).

Não é aceitável deixar-se apagar tantas riquezas criadas pelas comunidades

africanas, pelo contrário, ainda há muito o que se ouvir, aprender e, por isso, este projeto insiste em trazer as perspectivas ancestrais para a saúde pública como forma de devolver a herança do cuidado à sua verdadeira nascente. A musicalidade e o cuidado na perspectiva afrocêntrica da promoção à saúde pública no Brasil nada mais é que o movimento de cultivar, valorizar e enaltecer toda produção de conhecimento deixada pela ancestralidade, sem deixar que sejam esquecidas pelo impacto do tempo na oralidade e do racismo. Além disso, promover acessos de cuidado principalmente nos momentos de vulnerabilidades da vida de pessoas negras perpassa pela filosofia ubuntu.

Filosofia ubuntu “epistêmica e ontológica fundamental do pensamento africano dos grupos que falam a língua Bantu” (Gomane, 2019, p. 86), ubuntu nos faz pensar com atenção (*itójú*) à pessoa humana e nos movimenta/atravessa a viver e contribuir com a sociedade, mantendo formas diferentes de intimidade. Por meio dessa filosofia, somos convidados a olhar com sensibilidade para o outro. Somé (2003) nos faz refletir que tudo se mostra interligado, seja a canção, a filosofia ubuntu ou a intimidade no convívio da comunidade africana em diáspora:

A intimidade, em termos gerais, é uma canção do espírito, que convida duas pessoas a compartilharem seu espírito. É uma canção que ninguém pode resistir. Acordados ou dormindo, em comunidade ou sozinhos, ouvimos a canção. Não conseguimos ignorá-la (Somé, 2003, p. 25).

Pensando então em musicalidade, saúde pública e filosofia ubuntu, “eu

sou porque nós somos”, uma filosofia universal que também foi muito bem pontuada pelo filósofo e teólogo congolês Bas’llele Malomalo (Barbosa, 2023), afirmamos que toda existência é sagrada para as comunidades africanas. Sendo assim, tudo que existe perpassa pelo divino e pela intimidade. Não podemos prosseguir enquanto sociedade sem antes saber de onde viemos. O indivíduo branco e colonizador roubou e se apropriou das nossas tradições, mas a força do tempo e do vento foram maiores, e hoje precisamos nos questionar se de fato tudo aquilo que nos foi ensinado pertence às tradições e aos ensinamentos dos nossos ancestrais.

O movimento eugenista no Brasil teve início entre os séculos XIX e XX, nos quais, na Constituição brasileira de 1934, havia uma lei que dizia que “melhorar a raça aqui é tornar tudo branco, europeu, heterossexual e cristão” (Ribeiro, 2022). Portanto, precisamos nos questionar do lugar social que as comunidades negras no Brasil se encontram, de marginalização e exclusão social, se desconectando do senso de humanidade para todos e as possibilidades de sobrevivência.

Nesse sentido, por meio da perspectiva afrocêntrica, a música como forma de cuidado e humanização nos apresenta novas possibilidades de revisitarmos os conhecimentos que sempre foram utilizados em rituais de cura e momentos de resistência, mas que foram apagados em decorrência do racismo institucional elucidado por Silvio Almeida (2019, p. 32):

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as

instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. De tal modo que, se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas.

Para trabalharmos com humanização musical em ambientes de saúde pública, se faz necessário utilizar algumas estratégias para que as ações possam ser efetivas, começando por aquelas que abordam temas de letramento racial onde a África esteja no centro do debate (Ki-zerbo, 2009), em vez de ser interpretada pela ignorância do não saber e perpassando mais uma vez pelo racismo estruturante que a enxerga como produtora de “coisas ruins” e, por sua vez, a musicalidade, no ambiente de cuidado, não seja interpretada com equívocos e vista apenas como uma “forma vil de entretenimento”, mas sim como fonte de cuidado afetivo e pilar crucial que gera mudanças significativas na promoção do cuidado à saúde da comunidade negra.

Música: uma forma de humanização e cuidado

Quando este estudo aborda o tema **música e saúde**, ele não tem o objetivo de unir a musicoterapia ao debate. Isso não significa uma deslegitimação e muito menos um questionamento sobre a presença dessa profissão em ambientes de saúde. A intenção principal dessa pesquisa é trazer o foco para o conhecimento negro ancestral como forma de cuidado com a saúde do corpo, da psique e da alma, por meio da musicalidade afrodiaspórica, que pode ser executada por musicistas negros e aqueles que fazem parte de lugares sociais historicamente marginalizados.

Falar de música como forma de humanização e cuidado é o mesmo que falar de ancestralidade africana. Muito do que sabemos hoje por “música popular brasileira” nada mais é que a junção dos conhecimentos africanos que ganharam outras formas e sentidos, mas que tiveram uma única e rica fonte de conhecimento (Adichie, 2019), da qual precisamos falar. A musicalidade dentro de ambientes de serviço à saúde se faz necessária como fio condutor de sensibilidade ancestral para revisitarmos emoções, reflexões, memórias afetivas, e para elucidar os impactos que sua presença pode causar na promoção à saúde.

Podemos imaginar um ambiente hospitalar: muitas emoções se conectam e se atravessam, ruídos acontecendo para todos os lados, movimentos corporais agitados e o aspecto saúde-doença sendo o centro do dia de profissionais, acompanhantes e pacientes. Todo minuto conta, seja na espera por atendimento, no tempo

de cansaço ou na ansiedade em receber alta. Histórias e vivências de uma vida inteira podem acontecer dentro de um hospital. Existem pacientes que nunca foram para casa, nasceram e continuam no mesmo local. Outros imaginavam ficar por alguns dias e estão por meses. A vida vai seguindo do lado de fora e quem está dentro não tem muito o que fazer, além de esperar com paciência e esperança de respostas positivas.

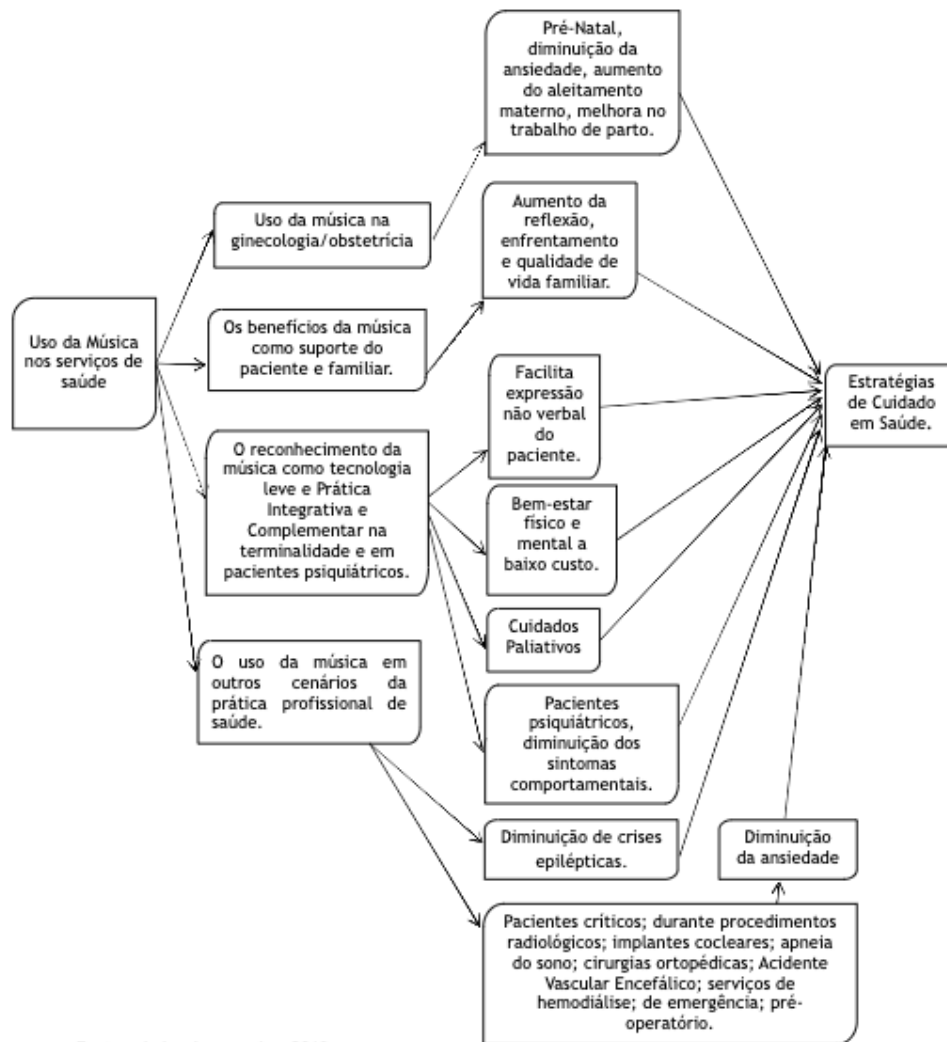
Não é necessário que uma banda musical inteira esteja dentro de um ambiente hospitalar; a simplicidade de uma voz acompanhada por um instrumento harmônico de corda pode transformar o ambiente, acolher pessoas e proporcionar pensamentos fluidos que por poucos minutos fazem os pacientes se esquecerem da dor, da ansiedade e das tensões a que o hospital os condiciona. A música no ambiente hospitalar revisita memórias afetivas e proporciona momentos de sensibilidade que são esquecidos em meio à preocupação e à agitação dos dias, ocasionando trocas afetivas. Esse é o ápice do atendimento musical, pois por meio dessas demonstrações de carinho, na relação entre acompanhantes e pacientes, estes se permitem transbordar tudo que está vivo em suas memórias e precisa desaguar. O autor

Levitin (2007, p. 162-163) traz reflexões sobre suas pesquisas acerca da interação do cérebro com a música: “a memória afeta tão profundamente a experiência da audição que não será hiperbólico dizer que sem memória não existiria música”. Existe uma conexão entre funções cerebrais, emoções e a música, por esse motivo o corpo traz diferentes sinais e sensações quando nossa memória auditiva é provocada por um som ou uma canção.

Por meio da Figura 1, visualizamos apontamentos mais objetivos sobre a eficácia da musicalidade em ambientes de saúde. Para cada situação, respostas diversas e uma única conclusão que se resume em “Estratégias de cuidado em saúde”, ou seja, além da música trazer benefícios emocionais aos cuidados do paciente, contribui para a qualidade de um atendimento humanizado e como suporte para a equipe multiprofissional.

Após observação, podemos entender como a presença da música pode ser utilizada nas práticas integrativas de cuidado e promoção à saúde, fazendo com que o atendimento seja humanizado e ancestral, uma vez que sua condução só trouxe sinais de melhoria nos diversos quadros apresentados.

[FIGURA 1]



Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Fonte: Santee et al. (2019).

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, importantes estudos foram encontrados, trazendo uma constatação mais específica dos impactos que a musicalidade possui em um ambiente de saúde. Partiremos do princípio de uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) neonatal com bebês prematuros. A rotina possui uma dinâmica exaustiva, repleta de tensões, preocupações e procedimentos invasivos que se sucedem de maneira constante. Os

pesquisadores Arnon et al. (2006), em suas escritas, relataram os impactos que a utilização da música "ao vivo" em uma UTI neonatal resultou, após receberem o cuidado musical por um determinado espaço de tempo. Os quadros clínicos sofreram alterações, especificamente nos batimentos cardíacos, frequência respiratória e saturação de oxigênio. Os pesquisadores ainda salientaram que o uso da música gravada no mesmo intervalo de tempo e espaço não provocou mudanças no estado clínico dos pacientes (Puggina, 2006).

Seguindo nossa discussão e pensando em pacientes paliativos e oncológicos, também encontramos estudos que olham para a presença da música na vida dessas pessoas e de seus acompanhantes. Silva, Marcon e Sales (2014) fizeram um estudo no qual a musicalidade atuava como fio condutor entre relações de acompanhantes e pacientes. Sabemos que a rotina de cuidado dos familiares se torna muito exaustiva e com o tempo, muitas vezes, solitária. A musicalidade, neste estudo, teve o papel de humanizar os dias dessas famílias e de tornar vivas atitudes que foram esquecidas diante dos desafios da doença. A iminência da morte pode nos afastar dos afetos, o medo por muitas vezes causa distanciamentos pessoais e a música pode ser utilizada como forma de cuidado, gerando, assim, reaproximações (Marques, 2020). Foi possível notar que a musicalidade trouxe mudanças de humor, lembranças afetivas, melhora na comunicação e uma enorme contribuição para o dia a dia dos pacientes e suas famílias.

Com os casos citados acima, torna-se mais simples entender que a música permanece sendo um acontecimento de sensações afetivas, humanizadas e cuidadosas. Uma canção pode marcar diferentes pessoas, situações, relações e corações. A música pode ser fonte de promoção à saúde humana, colaborando com equipes multidisciplinares e proporcionando leveza para os dias caóticos de um ambiente hospitalar (Santee, 2019). Estudos ligados à neurociência e música revelam que a musicalidade e a memória caminham intrinsecamente juntas, tendo com o sistema emocional uma conexão surpreendente (Juslin; Sloboda, 2010). Outros estudos também revelam que a musicalidade tem a capacidade de ativar

diversas áreas do nosso cérebro, principalmente aqueles sistemas que são geradores de emoções (Levitin, 2007).

Pensando então no fortalecimento dessas ações, adentramos nas possibilidades de investimentos públicos para que um trabalho como esse seja realizado na saúde pública, leis de incentivo que promovam a contratação de musicistas cuidadores, que possam receber suporte e treinamentos para atuarem nos hospitais de suas cidades. Vejamos o retorno para a ancestralidade sendo feita em dose dupla, na geração de empregos de qualidade para músicos que agora atuarão também nos hospitais e para comunidade negra que passam horas, dias, semanas, meses e até anos cuidando da saúde no SUS, e terão a chance de serem cuidadas também pela herança da cultura musical africana.

Por meio da escrita desta pesquisa, facilmente se percebe a necessidade de um maior aprofundamento no que se diz respeito a estudos sobre a música e suas contribuições para a saúde. No entanto, atuando em ambientes de saúde como musicista cuidadora, durante sete anos, recebo, todos os dias, a chance de atingir breves conclusões sobre aquilo que não se pode negar: “a ideia evolucionista de que a música é um veículo para a criação de vínculos sociais e para a coesão social” (Levitin, 2007). Isso diz respeito também à herança de África e afirma a importância da filosofia ubuntu nos ambientes de saúde, pois o princípio africano acredita no ser humano e compartilha os conhecimentos como ferramenta cultural e forma efetiva de se expressar no mundo, promovendo, assim, o senso de humanização e cuidado social. ■

[CECI LUZ]

Licenciada em Música pelo Centro Universitário FIAM FAAM (2019). Possui formação em composição, canto e violão popular pela EMESP Tom Jobim (2018). Pós-Graduada em Gestão de Projetos Culturais pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura da Universidade de São Paulo (Celacc/USP) (2024). Áreas de interesse: Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.
E-mail: ceciluzproducao@gmail.com

[DENNIS DE OLIVEIRA]

Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Coordenador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Integração na América Latina (Prolam) e Mudança Social e Participação Política (Promuspp). Autor dos livros *Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica* (Editora Dandara, 2022) e *Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire* (Editora Appris, 2017).
E-mail: dennisol@usp.br

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANTONACCI, Maria Antonieta. África/Brasil: Corpos, tempos e histórias. **Revista Tempo e Argumento**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 48-49, 2019.

ARNON, Shmuel et al. Live Music Is Beneficial to Preterm Infants in the Neonatal Intensive Care Unit Environment. **Birth**, New York, v. 33, n. 2, p. 131-136, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0730-7659.2006.00090.x>

BARBOSA, Rafael. Bàsilélé Malomalo. **IHU Online**, 2023. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3691-bas%25E2%2580%2599ilele-malomalo>. Acesso em: 17 abr. 2025.

BARROS, José Benedito. *Itojú*: a essência da espiritualidade iorubá. **Blog Professor José Benedito de Barros**, 10 abr. 2012. Disponível em: <http://profjosebenedito.blogspot.com/2012/04/itoju-essencia-da-espiritualidade.html>. Acesso em: 17 abr. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Morte de mães negras é duas vezes maior que de brancas, aponta pesquisa. **Notícias Ministério da Saúde**, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/morte-de-maes-negras-e-duas-vezes-maior-que-de-brancas-aponta-pesquisa>. Acesso em: 17 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**: uma política para o SUS. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf. Acesso em: 17 abr. 2025.

BRITO, Benilda. O racismo desumaniza o ser humano. Seminário Direitos Humanos e Equidade Racial. **Fundação Oswaldo Cruz**, 2019. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/seminario-da-fiocruz-discute-direitos-humanos-e-equidade-racial>. Acesso em: 17 abr. 2025.

FONSECA, Mariana Bracks. **Poderosas Rainhas Africanas**. Belo Horizonte: Ancestre, 2021.

GOMANE, Manuel Cochole Paulo. Ética e Filosofia Ubuntu: da problemática da concepção ao debate epistemológico. **Revista Reflexões**, Fortaleza, v. 8, p. 80-7, 2019. Disponível em: <https://revistareflexoes.com.br/wp-content/uploads/2019/08/6.6.6-Manuel-cochole.pdf>. Acesso em: 7 maio 2024.

JAMES, George. **Legado roubado**: a filosofia grega é a filosofia egípcia roubada. São Paulo: Editora Ananse, 2022.

JUSLIN, Patrick; SLOBODA, John (eds.). **Handbook of Music and Emotion**: Theory, Research, Applications. Oxford: Oxford University Press, 2010.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?**: Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

LEVITIN, Daniel. **This Is Your Brain on Music**: The Science of a Human Obsession. New York: Plume, 2007.

MARQUES, Horácio Tomé. **Música, razão e/ou emoção**. Porto: Universidade do Porto, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, André. Médico canta para mulher internada com Covid-19 no Piauí horas antes do falecimento. **G1**, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/06/15/medico-canta-para-mulher-internada-com-covid-19-no-piaui-horas-antes-do-falecimento.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2025.

NJERI, Katiucha; ANKH, Oji; MENE, Regiane. **Racismo estrutural**: uma perspectiva afrocêntrica. São Paulo: Selo Negro, 2019.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Dandara, 2021.

OLIVEIRA, Thaisa Juliana Cipriano de. **A cor da violência obstétrica**: uma análise das mulheres assistidas na Casa Angela no período gravídico-puerperal e o processo de humanização da assistência do parto como enfrentamento ao racismo institucional. São Paulo: Unisa, 2022.

PUGGINA, Ana Claudia Giesbrecht. **O uso da música e de estímulos vocais em pacientes em estado de coma**: relação entre estímulo auditivo, sinais vitais, expressão facial e escalas de Glasgow e Ramsay. 2006. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. Belo Horizonte: Jandaíra, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

SALOMÃO, Salloma; BANDA AL ANDALUS. **Notas tortas da madrugada**: canções e letras. São Paulo: Aruanda Mundi, 2016.

SANTEE, Kadija Mohamed et al. O uso da música nos serviços de saúde: uma revisão integrativa. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 1-15, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15210/jonah.v9i2.14432>

SILVA, Vladimir Araujo; MARCON, Sonia Silva; SALES, Catarina Aparecida. Percepções de familiares de pessoas portadoras de câncer sobre encontros musicais durante o tratamento antineoplásico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 67, n. 3, p. 408-14, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140054>

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2003.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.